

Imprimir

Clemente Nobrega / economia em

Nova velha economia

O modelo em que empresas nascem e morrem todos os dias sempre foi característico da internet. Conseguiremos estendê-lo para fora da rede?

Clemente Nobrega



Veio a crise, bancos quebraram, a GM virou estatal e o velho mantra voltou a ser entoado: “Acabou a era das grandes corporações. As gigantes não se aguentam mais de pé. Empresas ágeis (como o Google) é que darão o tom agora”. Esse papo teve audiência nos anos 90, até a bolha da internet mostrar que empresas (digitais ou não), para ter o direito de existir, têm de gerar valor econômico, não apenas prometer isso. A sempre hiperbólica revista Wired – a bíblia da elite tecnoinformada da geração digital – trouxe em maio três matérias pregando a “nova Nova Economia”.

Acho exagero. A base industrial “velha economia” do mundo é enorme. O Google não é representativo de nada, pois a riqueza global concreta ainda vem de bens físicos, não informacionais. Gigantes tipo Wal-Mart, Toyota, GE e as Petróleo & Gás (dez entre as dez maiores do planeta) não se tornarão pequenas porque algum “evangelista” acha bacana.

Mas talvez eu esteja errado. Um pesquisador chamado Duncan Watts, da Universidade de Columbia e do Yahoo!, também propõe o “small is beautiful”, mas com base científica (não oba-oba, como a Wired). Watts é especialista em dinâmica de redes. Uma rede é um arranjo de elementos conectados de alguma forma. Os aeroportos do mundo, a world wide web, os neurônios do cérebro e a malha do sistema elétrico formam redes. Redes tendem a exibir arquitetura

concentrada: poucos nós muito conectados, mas a maioria pouco conectada. Consequência: grande parte dos impactos numa rede é absorvida sem sequelas, pois o estresse se dá em pontos conectados frouxamente (os mais numerosos).

Uma empresa que cresce sem controle é um nó concentrador de risco. Se falha, leva a rede junto

Mas, se o choque é num nó mais densamente conectado, a catástrofe vem. Isso ocorreu com a rede elétrica nos Estados Unidos em 1996, e com o sistema financeiro global agora. Com a crise, aprendemos que a globalização cria fragilidade interconectada, e os governos tiveram de intervir com trilhões de dólares para estabilizar a rede. Segundo Watts, produzir o inesperado é da natureza de redes complexas. Portanto, a solução é aceitar nossa ignorância e forçar o sistema a se tornar menos complexo, por meio de nova regulação.

Uma empresa que cresce sem controle é um nó concentrador de risco. Se falha, leva a rede junto. Assim, ela fica grande demais para que governos a deixem quebrar. Como efeitos cascata em redes complexas são inerentemente imprevisíveis, uma GM não poderia ter tido permissão para atingir o tamanho que lhe garantiu o seguro de vida que obteve. O sistema empreendedor capitalista é baseado na ideia de que quem corre riscos acima da média pode ter retornos acima da média. Mas é risco, não garantia. Para ter o direito de existir, uma empresa tem de poder morrer. Seguro de vida destrói a legitimidade do sistema.

Talvez a turma da Wired não seja tão delirante assim: o modelo em que empresas nascem e morrem todo dia sem comprometer a rede é, de fato, característico da economia da internet. Conseguiremos estendê-lo para fora dela?

** Clemente Nobrega é físico, escritor, consultor de empresas e autor do blog ideias e inovação no site de Época NEGÓCIOS*